

Trecho Oficiais e Gentlemen – Editora Nova Fronteira

O coronel Campbell não era um consumidor habitual de vinho do Porto. Os cálices eram realmente muito pequenos, e ninguém precisava ser o sétimo filho do sétimo filho para perceber que fazia algum tempo que o vinho fora decantado. Duas vespas boiavam dentro da garrafa. O anfitrião, enchendo o próprio cálice primeiro, retirou uma delas cuidadosamente. Aproximou-a dos olhos e examinou-a com orgulho.

— Ela estava lá dentro, quando a guerra começou — disse ele em tom solene — e eu tinha esperança de que continuaria ali até que bebêssemos à nossa vitória. O Porto, vocês compreendem, é mais uma questão de protocolo que de prazer. Senhores, *the King!*

Engoliram o vinho nocivo. Ato contínuo, Mugg disse:

— Campbell, o decantador.

Pesadas taças de cristal lapidado foram dispostas diante dos três; um pequeno vaso de porcelana comum com água e um majestoso decantador com um líquido quase sem cor, ligeiramente turvo.

— Uísque — disse Mugg com satisfação. — Permitam-me erguer um brinde: aos Coldstreams, aos Alabardeiros e aos Sapadores.

Sentaram-se em volta da mesa por uma hora ou mais. Falaram de assuntos militares com a concordância possível entre um veterano de Spion Cop e dois calouros de 1940. De vez em quando, a conversa recaía no tópico dos explosivos de alto poder destrutivo. Então Mrs Campbell retornou. Todos se levantaram. Ela disse:

— *Oh, dear*, como a noite passou tão rápida. Eu mal pude conversar com vocês. Mas suponho que todos levantam muito cedo de manhã.

Mugg pôs a rolha no purificador de uísque.

Antes que Tommy ou Guy pudesse falar, o gaiteiro estava entre eles. Articularam suas despedidas e seguiram-no até a porta da frente. Enquanto entravam no carro, notaram uma lanterna de mau tempo vigorosamente agitada de uma das

janelas de cima. Tommy fez o gesto de uma continência, o gaiteiro fez meia-volta e saiu tocando pelo corredor adentro. As grandes portas se fecharam. A lanterna continuou a se agitar, e do silêncio veio o desafio total e amigável: “Heil Hitler.”

Tommy e Guy não trocaram uma única palavra no caminho de volta para o hotel. Em vez disso, riram; a princípio, baixinho; depois, alto e mais alto. O motorista, mais tarde, relatou que ele nunca vira o coronel Tommy daquele jeito, e quanto ao novo alabardeiro, o cara estava “bem alto.” Acrescentou que o seu próprio tratamento com a criadagem tinha sido “muito bom também.”

Tommy e Guy estavam realmente inebriados, não apenas nem principalmente pelo que haviam bebido. Foram juntos alcançados e dominados por aquele vento sagrado que uma vez soprou livremente, quando o mundo ainda era novo. Címbalos e flautas ecoavam em seus ouvidos. A sombria ilhota de Mugg estava cheia de brisas aromáticas, momentaneamente erguidas, espalhadas e assentadas sob as mesmas estrelas do Mar Egeu.

Homens que, juntos, correram perigo e passaram por privações freqüentemente se separam e se esquecem um do outro, quando lhes cessam os infortúnios. Homens que amaram a mesma mulher são irmãos de sangue até mesmo na inimizade; se riem juntos, como Tommy e Guy riram naquela noite, orgiasticamente, selam a amizade num plano mais raro e mais sublime do que o de um relacionamento comum.

Quando chegaram ao hotel, Tommy disse:

— Graças a Deus você estava lá, Guy.

Eles saíram das alturas da fantasia para uma cena incomum, porém essencialmente prosaica.

O saguão do hotel tornara-se uma casa de jogos. No segundo dia após a chegada dos comandos, Ivor Claire encomendara do carpinteiro local, um soturno calvinista que abominava as cartas do baralho, a confecção de um “sapato” para cartas de bacará com a desculpa de que se tratava de um apetrecho de guerra. Ivor estava agora sentado à mesa central, esmeradamente dividida a giz em seções,

pagando a banca. Nas outras mesas, havia um jogo de pôquer e duas partidas de gamão em andamento. Tommy e Guy dirigiram-se à mesa dos drinques.

— Vinte libras na banca.

Mesmo ainda de costas, Tommy gritou:

— *Banco*. — Encheu o copo e juntou-se à grande mesa.

Bertie, da mesa de pôquer, perguntou a Guy:

— Quer jogar uma partida? Meia coroa para entrar e cinco xelins para apostar.

Mas os címbalos e as flautas ainda soavam debilmente nos ouvidos de Guy. Ele balançou negativamente a cabeça e vagou sonhadamente escada acima para um sono sem sonhos.

— Porre — disse Bertie — porre brabo.

— Boa sorte para ele.